



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAINA
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

MARIA DO SOCORRO SANTOS DA SILVA

**INVESTIGAÇÃO SOBRE INCLUSÃO DOS ESTUDANTES DA “COMUNIDADE
QUILOMBOLA PÉ DO MORRO” NO COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS
DE ARAGOMINAS – TO**

ARAGUAÍNA – TO

2018

MARIA DO SOCORRO SANTOS DA SILVA

INVESTIGAÇÃO SOBRE INCLUSÃO DOS ESTUDANTES DA “COMUNIDADE
QUILOMBOLA PÉ DO MORRO” NO COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS DE
ARAGOMINAS – TO

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras, como requisito
parcial e obrigatório para a obtenção do
título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges de
Albuquerque

ARAGUAÍNA – TO

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

S586i SILVA, MARIA DO SOCORRO SANTOS DA SILVA.
INVESTIGAÇÃO SOBRE INCLUSÃO DOS ESTUDANTES DA
"COMUNIDADE QUILOMBOLA PÉ DO MORRO" NO COLÉGIO
ESTADUAL GETULIO VARGAS DE ARAGOMINAS – TO. / MARIA
DO SOCORRO SANTOS DA SILVA SILVA. – Araguaína, TO, 2018.
36 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,
2018.

Orientador: Francisco Edviges De Albuquerque

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E MEIOS DE
VERIFICAÇÃO. 2. QUILOMBOS PÉ DO MORRO – O CONTEXTO EM
QUE A ESCOLA ESTÁ INSERIDA. 3. A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA:
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO. 4. A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES, CORPO
ADMINISTRATIVO E A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS QUILOMBOLAS
DA ESCOLA ESTADUAL GETULIO VARGAS. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

MARIA DO SOCORRO SANTOS DA SILVA

INVESTIGAÇÃO SOBRE INCLUSÃO DOS ESTUDANTES DA “COMUNIDADE
QUILOMBOLA PÉ DO MORRO” NO COLÉGIO ESTADUAL GETÚLIO VARGAS DE
ARAGOMINAS – TO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura em Letras Língua
Portuguesa e suas respectivas Literaturas da
Universidade Federal do Tocantins, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges
Albuquerque

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque (Orientador)

Profa. Dra. Maria Eleuda de Carvalho

Profa. Ms. Danielle Masterlari Levorato

Aos alunos quilombolas da Comunidade Pé do Morro que sofrem ou sofreram algum tipo de preconceito dentro e fora da escola. Saibam que não estão só. Ainda acredito que a educação ainda há de nos libertar de qualquer tipo de discriminação. Ela tem o poder de nos libertar e de conscientizar a sociedade.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ele ter permitido que tudo isso acontecesse na minha vida, por ter me concedido saúde, sabedoria e determinação para superar as dificuldades e seguir em frente com meu sonho.

Agradeço também, à Universidade Federal do Tocantins pelo compromisso e oportunidade de estar cursando Licenciatura em Letras.

Não poderia deixar de agradecer meu orientador, Professor, Doutor Francisco Edviges de Albuquerque, por sua generosidade ao ter aceitado meu convite, agradeço pela paciência, pelo suporte no curto prazo que lhe coube, pelo incentivo, suas correções e por compartilhar sua sabedoria.

Em especial a minha amada mãe (Deuzina Alves da Silva), falecida em 2018, que me apoiou durante todo tempo com palavras de incentivos, nas horas de desânimo e cansaço, ela não teve a oportunidade de estar presente na concretização desse sonho, mas tenho certeza que ela continua torcendo pelo meu sucesso.

Ao meu filho (Andrey Gomes da Silva), pela compreensão do pouco tempo de convívio, as vezes sacrificado para o término deste trabalho. Você é o meu maior presente que Deus me deu. Vivo para você e por você.

Agradeço a meu inesquecível esposo (Fagner Gomes da Silva), pela compreensão nas horas que tive ausente, pelo carinho e incentivo de não desistir de lutar.

Agradeço também, a meus irmãos (Cícero, Francisco, Maria, Zoraide, Gisele e Rosilda) por todo incentivo, confiança e orgulho que sentem por mim.

Não poderia deixar de agradecer as minhas queridas amigas que conheci durante essa longa jornada da faculdade, (Ozelita, Cynthia e Irene) por tudo que fizeram por mim. Vocês são pessoas iluminadas que quando precisei estavam do meu lado, nos momentos de angústia, tristeza e dor. Tenho certeza que as mães de vocês sentem orgulho das pessoas que se tornaram.

Aos docentes do colegiado de Letras, pelo compromisso, por transmitir seus conhecimentos, e ensinamentos que levarei para sempre. Muito obrigada!!!

Incluir significa promover e reconhecer o potencial inerente a todo ser humano em sua maior expressão: a diferença. (GONÇALVES, 2010).

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo averiguar a inclusão dos alunos quilombolas da Comunidade Pé do Morro na escola Estadual Getúlio Vargas. Para isso foi aplicado um questionário semiestruturado para os alunos e corpo docente e administrativo buscando entender como os alunos são vistos e tratados na escola. Questões étnico-raciais, preconceitos, datas comemorativas, bibliografia e o Projeto Político Pedagógico foram discutidas e apontadas nas respostas. O que se constatou foi um certo distanciamento entre escola e Comunidade Quilombola. Ainda fica evidente que alguns alunos sofrem preconceitos e que temas como racismo e igualdade são tratados apenas em datas comemorativas como a Abolição da Escravatura e o Dia da Consciência Negra. Apesar de possuir livros que promovem a cultura de matriz Africana em seu acervo, a escola pouco ou não trabalha tal tema. Alguns alunos ainda não se reconhecem como Quilombolas, se fazendo necessário empoderá-los quanto a sua representatividade de luta e história carregada de seus ancestrais.

Palavras-chave: Escola, Comunidade, Inclusão, Quilombolas, Pesquisa.

ABSTRACT

The present work sought to ascertain the inclusion quilombola students from the Community of Pé do Morro at the Getúlio Vargas State School. For this, a semi-structured questionnaire was applied to the students and faculty and administrative staff, trying to understand how students are seen and treated in school. Ethnic racial issues, prejudices, commemorative dates, bibliography and the Political Pedagogical Project were discussed and pointed out in the answers. What was noticed was a certain distance between school and Quilombola Community. It is still evident that some students are prejudiced and that issues such as racism and equality are treated only on commemorative dates such as the Abolition of Slavery and Black Consciousness Day. Although it has books that promote the culture of African matrix in its collection, the school does little or does not work such theme. Some students still do not recognize themselves as Quilombolas, making themselves necessary to empower them as to their representativity of struggle and history loaded with their ancestors.

Keywords: School, Community, Inclusion, Quilombolas, Research.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 01 - ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E MEIOS DE VERIFICAÇÃO..... | 13 |
| 02 - QUILOMBOS PÉ DO MORRO – O CONTEXTO EM QUE A ESCOLA ESTÁ INSERIDA..... | 16 |
| 03 - A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA..... | 19 |
| 04- A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES E CORPO ADMINISTRATIVO..... | 21 |
| 05 - A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS QUILOMBOLAS DA ESCOLA ESTADUAL GETÚLIO VARGAS..... | 25 |
| 5.1 Alunos do Ensino Fundamental..... | 25 |
| 5.2 Alunos do Ensino Médio..... | 26 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 23 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 30 |
| ANEXOS..... | 32 |

INTRODUÇÃO

Vale destacar antes de tudo que a primeira motivação para realização deste trabalho veio de minha própria vivência como estudante quilombola no Colégio Estadual Getúlio Vargas. Posso afirmar que já fui vítima de racismo pelos meus colegas de classe. Ao realizar o estágio de observação I, no mesmo colégio, percebi que é notório, constantemente, dentro do colégio ocorrer casos de discriminação por parte dos alunos, mas os educadores se manifestam contra a ação, conversa com os alunos, mostra que eles são sim diferentes, porém, que seu colega atingido preconceitosamente tem sua identidade e história deixadas por seus descendentes, que o engrandecem enquanto ser humano e que merece respeito.

Hoje me sinto na obrigação de lutar pelo fim da exclusão de negros em qualquer ambiente e, principalmente, na escola em que estudei boa parte da minha vida. O preconceito mexe muito com psicológico das pessoas, sejam elas adultas ou crianças e deixam marcas que, às vezes, carregamos por toda a vida. Nesse sentido, me propus analisar a inclusão de quilombolas no colégio que visa a eliminar o preconceito e a discriminação.

A cultura afro-brasileira que faz parte da nossa raiz histórica não deve ficar afastada do nosso sistema educacional. Quando se resgata uma cultura acaba-se valorizando e enriquecendo o patrimônio histórico além de empoderar os alunos quanto a sua luta e classe. No ano de 2003 a Lei nº. 10.639 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio. Agora o que se faz necessário é investigar e criar estratégias e atividades que viabilizem a promoção dessa temática dentro e fora do contexto escolar.

Escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. Uma escola somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada, para favorecer a cada aluno, independente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Um ensino significativo é aquele que garante o acesso ao conjunto sistematizado de conhecimentos como recursos a serem mobilizados. (HENRIQUES, 2012, p. 09)

Deste modo a inclusão de alunos quilombolas na escola Getúlio Vargas tem relação forte com a própria história da comunidade em que ela está inserida. O quilombo Pé do Morro desde a sua fundação foi palco de muito racismo, autoritarismo e preconceito contra as pessoas que fundaram a comunidade, patrocinada por

moradores das cidades que rodeiam o território. Por isso, o objetivo do trabalho é mostrar como acontece o preconceito na escola Getúlio Vargas, como os alunos afirmam e ou negam sua história e como a escola tem atuado para sanar esses problemas.

CAPÍTULO 1

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E MEIOS DE VERIFICAÇÃO

Para essa pesquisa utilizou-se dois questionários distintos, um para o corpo docente e administrativo e outro aplicado diretamente para os alunos quilombolas da escola. Para Amaro (2005), aplicar um questionário a um público-alvo constituído ajuda a recolher informações sejam elas de natureza social, econômica, familiar, profissional, expressar suas opiniões e atitudes de acordo com seu nível de conhecimento ou consciência de um acontecimento além de reconhecer as lacunas e problemas um problema buscando saná-los ou minimizá-los de forma coerente assertiva.

Adotamos a metodologia do questionário, pois com a minha experiência na escola os alunos teriam melhores condições de expressar os dados e informações de acordo o objetivo da pesquisa, e ainda de acordo com Amaro (2005):

Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos. (AMARO, 2005, p.03)

Os questionários foram semiestruturados de acordo o público, onde para os alunos foram elaboradas onze perguntas e as respostas eram de múltipla escolha como apenas uma questão discursiva tida como um questionário misto. Para o corpo docente foram dez questões abertas de forma que eles pudessem discorrer sobre o tema perguntado.

Existem dois tipos de questões: as questões de resposta aberta e as de resposta fechada. As questões de resposta aberta permitem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo deste modo a liberdade de expressão. As questões de resposta fechada são aquelas nas quais o inquirido apenas seleciona a opção (de entre as apresentadas), que mais se adequa à sua opinião. Também é usual aparecerem questões dos dois tipos no mesmo questionário, sendo este considerado misto. (AMARO, 2005, p4)

O questionário para os alunos também foi dividido entre alunos do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e Ensino Médio, pois a visão e conhecimento entre as duas faixas etárias acaba influenciando nas respostas do questionário. O tempo

médio estabelecido para os alunos responder foi de 40 minutos. Para os professores o prazo foi de 24 horas para responderem e devolver o questionário para ser analisados.

De modo geral, o questionário foi bem aceito pelos alunos e pelos professores, não houve resistência na aplicação. O que ficou evidente é o silenciamento dos alunos quilombolas que, depois de muito estigmatizados, negam suas origens. Outro momento ficou evidente que alguns alunos desconhecem ou não se importam com comportamentos preconceituosos que são do cotidiano. Segundo Kabengele Munanga (1998),

Partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar (MUNANGA, 2005, p.15)

Sabemos que o racismo contra negros e negras faz parte da história desse país que foi “constituído” por mão de obra escrava desses negros e índios. Hoje, em pleno século 21, ainda é possível notar esse racismo na sociedade e, pior ainda, em estruturas que deveriam ser totalmente intolerantes a isso, como a escola. Esse ambiente que contribui na construção da identidade dos jovens não pode estar enraizado em preceitos discriminatórios que marginalizam ainda mais quem já vive tanto estigmatizado. Chemim (2013) afirma:

Percebe-se a necessidade de uma mudança profunda e urgente, no que diz respeito á questão racial no Brasil, partindo principalmente da Escola, que como se colocou acima: é a instituição capaz de promover transformações estruturais através da educação, da construção de conhecimentos e, conseqüentemente, da mudança de valores ultrapassados. (CHEMIM, 2013, p.06)

O educador tem em mãos um mecanismo importante de desconstrução desses estereótipos e atitudes que disseminam e reforça o preconceito de raça na escola, o que culmina na sociedade. Quando nos colocamos num papel de transformação da vida do educando, esperamos que seja integral. Porém, para isso, é necessário que estejamos preparados para lidar com essas situações. Não podemos apenas esperar

que as mudanças ocorram. É preciso formação, planejamento do ato docente e avaliação dos resultados da nossa ação. Ainda, segundo Chemim (2013),

Vale ressaltar, que a escola é a instituição que, pela sua característica primordial, de ambiente socializador de saberes e conhecimentos científicos, é o lugar ideal onde essa mudança deve acontecer. Porém, sabe-se que nem sempre isso ocorre com rapidez, o que não significa que esse processo, não deva acontecer, diariamente e incansavelmente. (CHEMIM, 2013, p.11)

Por isso, é de suma importância incluir a discussão racial no planejamento pedagógico das aulas e, para além disso, não reduzir essa discussão apenas nas datas que fazem alusão ao tema. Principalmente, se tratando de uma escola que se inserem em meio a uma comunidade quilombola.

CAPÍTULO 2

2. QUILOMBO PÉ DO MORRO – O CONTEXTO EM QUE A ESCOLA ESTÁ INSERIDO

Padre Cícero é “a guia” da RNP, Romaria Negra Popular. Vem de sua doutrina o vocabulário profético das “Bandeiras Verdes”, metáfora das bandeiras colonizadoras de outrora; ou do “Santo Campestre”, essa espécie de Éden, versão cearense. Fosse encontrado; um tal “Morro do Cruzeiro” incorporaria ambas as características, impedindo a submissão dos miseráveis migrantes ao urbano. Acolheria os obedientes e vigilantes servos de Cícero. A isso se prestava sua fiel seguidora e interlocutora espiritual, Dona Antônia Barros de Souza. Como grande parte dos aglomerados nas margens “do Lontra”, ela vinha do Maranhão. A vila pertencia a Filadélfia, ponto mercantil no leito do Araguaia [...] A cada orientação do híbrido messiânico, novo ponto georeferencial emergia na territorialidade romeira – hoje, quilombola. (DE ASSIS, 2018, p. 205)

A comunidade quilombola do Pé do Morro tem um processo histórico de muitas lutas enraizadas principalmente na crença popular e na fé do povo que se materializa nas festas direcionadas a Santos e Santas as rezas tradicionais. Em 1952, na cidade de Filadélfia, uma senhora negra chamada Antônia de Barros, teve uma visão com Padre Cícero, onde ele a orientava a seguir uma rota com vários detalhes mostrando a ela onde deveria chegar. Dona Antônia era romeira, e uma beata muito devota de Padre Cícero, então assim que lhe foi dado às coordenadas logo ela chamou outros romeiros, para acompanhá-la, até o local prometido que Padre Cícero havia lhe dito, segundo ela esse local teria, dois morros bem grandes, e ali eles fariam morada. Determinada pela fé ela seguiu todo o caminho, e junto com seus companheiros romeiros chegaram até o tal local, e ela disse que ali era o lugar da sua visão.

Segundo De Assis (2018) esse processo foi importante, pois promoveu:

A autoidentificação quilombola promoveu uma intensa atividade intelectual nos coletivos. Para definirem o que sentem – e como expressam – o que é ser quilombola, cada grupo pesou e mediu a presença do mito da Velha Negra Antônia/Manoel Borges dos Santos; ritos expressivos de negritude; ou a importância da morada nas relações interétnico-raciais. Ficará claro que Pé do Morro sofreu fortemente com os cerceamentos. (DE ASSIS, 2018, p. 2012)

Esses “cerceamentos” fez com que formassem uma comunidade e todos passaram a morar literalmente ao Pé do Morro, e assim ficou conhecido lugar que ainda era considerado um vilarejo. Ao passar dos anos a cidade foi crescendo e muitos

começaram a construir suas casas mais longe um pouco do morro, onde hoje é a cidade em si, chamada de Aragominas. A comunidade só foi declarada pela Fundação Palmares como uma comunidade remanescente quilombola no dia 27 de julho de 2010, após um logo processo de estudo antropológico.

Hoje a comunidade tem mais de 200 famílias registradas na associação da comunidade, incluindo famílias que moram nos assentamentos, pertencentes ao município de Aragominas, a Comunidade Quilombola Pé do Morro, hoje possui um salão próprio, onde é realizada as reuniões e eventos, depois de anos realizando as reuniões em casas de famílias que compõe a comunidade, a conquista do salão foi uma das grandes lutas da comunidade.

E é nesse contexto que o Colégio estadual Getúlio Vargas é situado em Aragominas. Uma cidade pacata, que possui cerca de 6.000 habitantes. Os romeiros foram os primeiros habitantes que chegaram no dia 27 de junho de 1952, liderados por Antônio de Barros de Sousa, que veio de Filadélfia –TO. No ano de 1953, outro pioneiro, o senhor Gregório Libânio dos Santos, vinha de Caxias-MA, mas com ele veio uma caravana de dez pessoas criando residências no local que hoje é o centro da cidade, o povoado inicialmente fazia parte do município de Filadélfia, todavia a partir do ano de 1959, com a construção do município de Araguaína, passou a pertencer ao mesmo. Em 1992, foi desmembrado de Araguaína, passando a ser município de Aragominas.

De acordo com o projeto político pedagógico, PPP o Colégio Estadual Getúlio Vargas traz uma história de lutas, superações, e vitórias tanto no âmbito pedagógico como no âmbito da infraestrutura. O colégio foi construído em 1972, porém sua lei de criação oficializou-se em 19 de janeiro de 1978. Sendo assim, o povoado do pé do morro que inicialmente era distrito de Filadélfia passou a ser município de Aragominas em 1959, com sua emancipação conta oficialmente com um colégio. A origem desta unidade educacional é fruto do esforço de pessoas pioneiras do povoado, aflitos com a educação de seus filhos, resolveram dar aulas e desse modo fundar a primeira escola da região, a qual funcionava na moradia do senhor Gregório Libânio, conhecido como “sinhô”.

De acordo com o último levantamento feito no dia 14 de novembro de 2017 na unidade escolar Getúlio Vargas e Extensões, encontram-se 94 alunos quilombolas. O colégio atende Ensino Fundamental e Médio e classe de ensino especial-AEE, o colégio possui uma clientela variada com um acentuado nível de distorções de idade e série, atendendo um público que varia de 10-47 anos, sede e assentamentos. Preza pelo respeito e dignidade dos estudantes e de cada indivíduo dentro do colégio, valorizando-os e lutando para desenvolver um trabalho em equipe de acordo com limite de colaboração de cada um na execução das atividades escolares. Tem como obrigação proporcionar um ensino de qualidade para todos os alunos oferecendo uma educação de forma participativa, com o objetivo de formar cidadãos críticos, compreensivos, conscientes e solidários. E de acordo Moreira e Candau (2003) *“A problemática das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa”*. Por isso, não é possível uma separação ou ruptura com a cultura quilombola haja visto que a escola atende alunos de origem quilombola.

CAPÍTULO 3

03 - A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

São vastos os problemas da educação na atualidade. Um dos grandes é a adoção de uma educação apropriada para alunos que vivem em diferentes contextos. Na Escola Getúlio Vargas atende alunos com diversos perfis, urbano e rural, mas em sua grande maioria atende crianças e jovens da zona rural.

Assim como a educação para o povo do campo, a educação quilombola propõe ter características diferenciadas do ensino escolar tradicional, onde além de preservar a identidade histórica que o quilombo possui, deve propiciar uma educação de qualidade voltada para as necessidades de aprendizagem dos alunos. Sendo assim, se faz necessário o desenvolvimento de práticas de fortalecimento de identidade étnica. De acordo com a Resolução Nº 8 que institui as Diretrizes Curriculares para a Educação Quilombola é um dever do Estado:

Assegurar que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino aprendizagem e as suas formas de produção e de conhecimento tecnológico; zelar pela garantia do direito à Educação Escolar Quilombola às comunidades quilombolas rurais e urbanas, respeitando a história, o território, a memória, a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais; subsidiar a abordagem da temática quilombola em todas as etapas da Educação Básica, pública e privada, compreendida como parte integrante da cultura e do patrimônio afro-brasileiro, cujo conhecimento é imprescindível para a compreensão da história, da cultura e da realidade brasileira (BRASIL, 2012, Art. 6º).

Além disso, ela está associada a educação no campo como é apontado por Nascimento (2017):

[...] o conceito de educação quilombola está articulado com o conceito de Educação Do Campo, uma vez que as duas concepções remetem à importância de se trabalhar nas escolas questões como cultura, conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana. (NASCIMENTO, 2017, p.21)

Deste modo reproduzir uma educação pensada para a cidade dificulta ainda mais uma abordagem apropriada sobre a cultura, os saberes e as tradições dos quilombolas e camponeses. Todo esse processo de junção, em busca de barateamento dos custos, eleva o risco daqueles educandos serem ainda mais

marginalizados dentro da própria escola. Claro que é importante ter uma diversidade de realidades em um mesmo espaço, porém é necessário ter uma equipe capacitada para planejar e lidar com esse público diverso.

CAPÍTULO 4

04 – A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES E CORPO ADMINISTRATIVO

Como ações afirmativas e de inclusão dos alunos quilombolas na escola os entrevistados apontaram a comemoração do Dia da Consciência Negra, que mesmo não sendo uma ação voltada apenas para os alunos quilombolas é trabalhado na escola já que está previsto no PPP da instituição. Nascimento (2017) ressalta a importância da participação alunos, pais, professores e comunidade na criação desse projeto nas escolas:

Na construção de um PPP deve-se fazer o diagnóstico da escola e de toda a comunidade escolar. É importante observar que tipo de escola se tem, o que ela tem de bom e o que não tem. Porém para que essa construção seja elaborada com sucesso é necessário que todos estejam envolvidos, todo corpo docente do estabelecimento escolar, pais, alunos e representantes da comunidade. (NASCIMENTO, 2007, p.33)

Pereira (2017) aponta a importância da inclusão da história e cultura de todos os povos na escola, onde:

(...) a construção de um currículo que apresente as histórias e culturas de todas as matrizes formadoras de nossa sociedade, considerando-as todas importantes e complementares, sem o 'tradicional' viés eurocêntrico historicamente adotado, é algo fundamental para a formação de cidadãos com 'identidades individuais e sociais' diversas e que aprendam a respeitar as diferenças e possam lidar de maneira positiva com a pluralidade cultural, para que seja possível a construção de uma 'autêntica democracia racial'. (PEREIRA, 2017, p116)

Quanto a interação entre a escola e a comunidade quilombola ela é tida como parcial, pois se dá apenas nas datas comemorativas. Os entrevistados afirmam que há certa resistência por parte dos dirigentes da comunidade em abrir espaço para a escola entrar.

Sobre a perspectiva para com os alunos quilombolas, alguns entrevistados afirmaram que não há uma distinção entre quilombolas e demais alunos, que o que se espera é que esses alunos como todos os outros alcancem um “futuro melhor através dos estudos”, ou que consigam “aprender, socializar e ter sucesso no futuro”. Para outros entrevistados os alunos devem se fortalecer e se conscientizar assumindo-se enquanto quilombolas, valorizando sua cultura, mostrando que existem

acadêmicos quilombolas nas instituições de ensino superior no intuito de motivá-los a continuar estudando. Para Nascimento (2017):

Identidade quilombola é um conjunto de características de um povo, cuja preservação se dá através de suas tradições, de sua cultura onde se pode englobar religião, culinária, dança, modo de vestir, de falar, entre outros aspectos que representam os hábitos quilombolas e a reafirmação de sua identidade. (NASCIMENTO, 2017, p.31)

A respeito da metodologia aplicada em sala, não há uma distinção entre os quilombolas e os demais alunos, pois, os entrevistados acreditam que todos os estudantes - quilombolas ou não - possuem capacidade intelectual igualitária de acordo com a metodologia aplicada.

Existem princípios constitucionais que atestam o direito das populações quilombolas a uma educação diferenciada. A oferta da educação escolar para as comunidades quilombolas faz parte do direito à educação; porém, o histórico de desigualdades, violência e discriminações que recai sobre esses coletivos afeta a garantia do seu direito à educação, à saúde, ao trabalho e à terra. Nesse sentido, atendendo aos mesmos preceitos constitucionais, pode-se afirmar que é direito da população quilombola ter a garantia de uma escola que lhe assegure a formação básica comum, bem como o respeito aos seus valores culturais. (BRASIL, 2013, pg. 39)

É necessário salientar que de acordo com estudos relacionados ao déficit educacional racial brasileiro Barbosa (2011) APUD (Carvalho, 2003, 2004a, 2004b, 2005; Henriques, 2002; Kesner, 2000; Munanga, 2005; Patto, 1990) analisa as desigualdades étnico/raciais expressas em termos da escolaridade das crianças e jovens, enfatizando as diferenças de desempenho escolar, evasão e repetência. Barbosa APUD Henriques (2002) constatou:

(...) ser expressivamente pior a distribuição da escolaridade para negros, um padrão que se mantém entre as gerações, mesmo com a melhoria nos níveis médios de escolaridade de brancos e negros ao longo do século. Ele infere que o impedimento ao desenvolvimento das potencialidades e ao progresso social da população negra é decorrente da significativa desigualdade racial brasileira, atrelada a formas sutis de discriminação racial. (BARBOSA APUD HENRIQUES, 2002, p.58)

Não houve uma concordância quanto a questão dos alunos se declararem quilombolas ou não. Alguns entrevistados afirmaram que os alunos se assumem enquanto quilombolas, já outros acreditam que muitos alunos não se declaram parte da comunidade.

Em relação à escola estar ou não apta a entender e orientar os alunos quilombolas em suas atividades os entrevistados afirmaram que sim, entretanto ainda é necessário um maior aprofundamento e estudos quanto a história e cultura quilombola pelo corpo docente. Nesse sentido, Gomes apud Munanga (2005), enfatiza que:

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/realidades social/diversidade ético-cultural é preciso que os educadores (a) compreendam que o processo educacional é também formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a cultura, as relações raciais entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-la em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter acessibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação se manifesta na nossa vida no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, podemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade (GOMES, 2015, p.147).

Apenas um dos entrevistados afirmou ter presenciado preconceito sofrido por alunos quilombolas, todos os outros desconhecem ou não presenciaram tal ato. Eliane (2005) afirma que:

O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano não impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes brilhantes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos seres realmente livres “para ser o que for e ser tudo” – livres de preconceito, dos estereótipos, dos enigmas, entre outros males. Portanto, como professores(as) ou cidadãos(ãs) comuns, não podemos mais nos silenciar diante de um crime de racismo no cotidiano escolar, em especial se desejamos realmente ser considerados educadores e ser sujeitos de nossa própria história. (CAVALLEIRO,2005, p.11).

Em relação aos entrevistados terem visitado a comunidade quilombola, apenas um entrevistado afirmou conhecer a comunidade da cidade. Os outros entrevistados que não tiveram essa oportunidade apontam que as ações e reuniões promovidas pela comunidade são direcionadas apenas para os membros, não permitindo a participação de quem não é associado.

Quanto à interação e promoção de atividades entre a comunidade e a escola durante as datas comemorativas de Consciência Negra e Abolição da Escravatura, nota-se que apesar de ambos, comunidade e escola, promoverem ações referentes

as datas comemorativas, não há uma interação, ou quando há é de forma parcial, cada local promove sua comemoração separadamente, e quando há uma junção, ela é apenas superficial onde há o comparecimento dos pais e familiares dos alunos nas apresentações da escola de dança, comidas típicas e poemas. Pereira (2017) afirma que:

É preciso que as histórias da África e dos africanos e as histórias da população negra no Brasil, em toda a sua complexidade, sejam pesquisadas e trabalhadas nas salas de aula de história. Foi nesse sentido, e em função da mobilização e das articulações políticas estabelecidas pelo movimento social negro, que em 9 de janeiro de 2003 foi sancionada a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras em todas as escolas do país. (PEREIRA, 2017, p.117)

Quando perguntados sobre a existência de livros que abordem a temática Africana no acervo da biblioteca e ao incentivo da leitura desse material, os entrevistados afirmaram ter livros com essa temática, mesmo que não sejam ligados diretamente a determinadas disciplinas, mas que não existe nenhum tipo de incentivo por parte da escola ou dos educadores para a leitura desse material.

CAPÍTULO 5

5. A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS QUILOMBOLAS DA ESCOLA ESTADUAL GETÚLIO VARGAS

5.1 Alunos do Ensino Fundamental

Segundo os dados oriundos do questionário aplicado na escola, quando perguntados sobre como se auto declaravam, 20% dos alunos afirmaram serem negros, 64% pardos e 16% brancos. 40% dos entrevistados afirmaram serem quilombolas enquanto 60% disseram não pertencer a nenhuma etnia.

Segundo Souza (2016, p. 21), as organizações sociais que se identificam como quilombolas, são constituídas predominantemente por pessoas negras, entretanto há a presença de pessoas que se autodeclaram “brancas”, “indígenas” e “negras”, sendo esse último grupo majoritário, mas não exclusivo.

Apenas 40% dos alunos disseram ter ido à comunidade quilombola da cidade enquanto outros 60% nunca foram ao local. Quanto à história dos quilombolas da cidade, apenas 28% disseram ter conhecimento da mesma. Quanto à promoção de debates ou explicação de questões étnico-raciais dentro da escola por quilombolas da comunidade do pé do morro apenas 36% dos entrevistados afirmaram ter presenciado ou participado desses eventos, enquanto 64% afirmam não ter conhecimento dessa interação. Quando questionados sobre o que é “Colorismo”, apenas 8% dos alunos estavam familiarizados com esse conceito, revelando que 92% dos entrevistados não sabiam do que se tratava.

Ao serem questionados sobre preconceito na escola, 100% dos entrevistados afirmaram não ter sofrido qualquer preconceito por serem quilombolas. Entretanto, ao serem questionados sentiam-se incluídos nas atividades promovidas pela escola 44% dos alunos apontaram não se sentirem incluídos.

Ao tentarem descrever brevemente o que é ser quilombola, 52% dos alunos responderam que quilombolas são pessoas descendentes de escravo e que fazem parte de comunidades. Eles também ligaram muito ao fato de quilombolas serem pessoas negras que lutam contra preconceitos e pelos seus direitos. 42% dos entrevistados não responderam, ou não souberam explicar o que é ser quilombola.

5.2 Alunos do Ensino Médio

Os questionários aplicados nas salas do ensino médio apontam para os seguintes dados:

Quando perguntados como se auto declaravam, apenas 7% dos alunos afirmou ser negro enquanto outros 68% afirmaram ser pardos e 25% se consideram brancos. Sobre a etnia a qual pertenciam apenas 32% dos alunos afirmaram ser quilombolas, 68% afirmou não pertencer a nenhuma etnia. 57% dos entrevistados relataram ter ido à comunidade quilombola, entretanto apenas 37% afirmaram conhecer a história dos quilombolas da cidade. 56% afirmou não conhecer e outros 7% não responderam a essa pergunta.

Quanto à promoção de palestras ou debates entre a escola e alunos com a representação de um quilombola para a discussão de questões Étnicos- raciais, 88% dos alunos apontam que não há esse tipo de interação enquanto outros 12% afirmam ter visto ou participado de algum evento nessa área.

Quando questionados sobre o conceito de “Colorismo”, 75% dos entrevistados não conhecem ou não entendem esse conceito, já outros 25% afirmaram estar familiarizados com o tema. De acordo com Silva (2017), o colorismo nasceu a partir da tentativa de embranquecimento da pele negra, tanto no Brasil como nos EUA, queriam exterminar as pessoas que era retintas, a forma que usaram foi de um homem ou mulher negra gerar filhos com uma pessoa branca, pois haviam percebido que quando um senhor de engenho ou uma pessoa branca gerava filhos com negras, havia uma queda na quantidade de melanina, então baseado nisso, começaram esse processo de junção desenfreada de embranquecer toda a população, só o que não se esperava é que mesmo ocorrendo em alguns casos o embranquecimento, a

maioria das vezes o efeito era contrário, pois a maior parte das crianças nasciam retintas, e a teoria e tentativa de exterminar a população negra dessa forma foi falha.

Ao serem questionados sobre terem sofrido algum tipo de preconceito por ser quilombola, 75% afirma não ter sofrido, outros 18% disseram ter acontecido com eles e 7% não respondeu ao questionamento. 87% dos alunos afirmaram se sentir incluídos nas atividades que a escola promove.

Os alunos entrevistados, assim como os alunos do ensino fundamental, foram solicitados a fazer uma breve discussão do que é ser quilombola. 62% dos entrevistados responderam que quilombolas são descendentes de escravos que até hoje lutam pelos direitos e contra o preconceito racial. 38% dos alunos não souberam responder ou não opinaram sobre o assunto.

De modo geral, podemos observar a partir dos dados levantados no questionário que há claramente um processo de embranquecimento de alunos que são negros. A qualidade de “pardo” reflete uma certa negação da cor e, paralelamente, da identidade quilombola de boa parte dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa ficou evidente que a Escola Estadual Getúlio Vargas ainda não está preparada para a inclusão total dos alunos quilombolas da Comunidade Pé do Morro da sua cidade. Os professores não se sentem totalmente preparados para lidar com as diferenças em sala e abordar, dentro e fora do contexto educacional, a história que esses alunos e a comunidade carregam consigo. Tornando o ensino pouco democrático, inclusivo e nada emancipatório.

Os alunos por sua vez não se percebem enquanto sujeito de campo e de direitos, não sabendo falar ou opinar sobre sua própria história ou assumirem sua identidade. Muitos ainda sofrem preconceitos ligados a cor e por pertencerem a comunidade quilombola. Mostrando pouco ou nenhum entendimento sobre o significado a cultura a qual pertencem.

Há vários contextos sociais em que se deve estar atento quanto a esses alunos, seja no âmbito social, econômico e construção familiar. A maior parte desses alunos vem de um lar de condições precárias, o que acaba interferindo no seu convívio social, estando menos aptos ao aprendizado, tornando necessária uma atenção especial por toda sua carga histórica e de resistência, trazidas pelos seus ancestrais.

Todas as escolas públicas, sendo escolas tradicional quilombola ou escolas regulares, devem amparar a permanência de seus alunos trazendo uma metodologia que abarque suas especificidades utilizando de forma correta as políticas públicas.

Uma parceria entre a escola e comunidade quilombola ajudaria os professores e corpo administrativo a entender um pouco mais sobre a história de luta dos quilombolas além de traçar metodologias que amparem os estudantes dentro e fora da sala de aula promovendo uma boa relação entre escola, comunidade e alunos. Ainda resta muito a ser estudado para ampliar o leque das problemáticas da escola para com a comunidade, principalmente no que tane a formação docente e metodologias para comunidades multiculturais.

A história do povo negro não deve se restringir apenas a datas comemorativas preestabelecidas pelo PPP da escola. Trata-se de trazer para dentro da sala de aula

a vivência de um povo e suas lutas diárias por direitos e contra as discriminações enfrentadas desde o período Escravocrata.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARO, Ana; PÓVOA, Andreia; MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionários**. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2005.
- BARBOSA, Altemir José Gonçalves; CAMPOS, Renata Araújo; VALENTIM, Tássia Azevedo. **A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno**. Estudos de psicologia, v. 28, n. 4, p. 453-461, 2011.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola**. Resolução nº 8 de 2012. Brasília: MEC/Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Educação Anti-Racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03**. Brasília 2005.
- CHEMIM, Maria Socorro A. **Os desafios da escola pública Paranaense na Perspectiva do professor PDE**. Paraná. 2013.
- DE ASSIS, Luís Guilherme Resende. **Da romaria negra popular às comunidades quilombolas do norte do Tocantins**. Áltera Revista de Antropologia, v. 1, n. 4, 2018.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação Anti-Racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03**. Brasília 2005.
- HENRIQUES, R. M. **O Currículo Adptado na Inclusão de Deficiente Intelectual**. Disponível: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/489-4.pdf> Acesso em: 31 de Out. 2018.
- HENRIQUES, R. (2002). **Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação**. Brasília: Edições Unesco Brasil.
- MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o Racismo na Escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005.
- NASCIMENTO, Hérika Barbosa. **Inclusão de educandos de comunidades quilombolas em uma escola urbana: situação e desafios**. 2017.
- PEREIRA, Amilcar Araújo. **“Por uma autêntica democracia racial!”: os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história**. Revista História Hoje, v. 1, n. 1, p. 111-128, 2017.

PPP (**Projeto Político Pedagógico** - Col. Estadual Getúlio Vargas, 2016)

SILVA, Tainan Silva e. **O colorismo e suas bases históricas discriminatórias**. Direito UNIFACS – Debate Virtual. Salvador, n 201, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121>>. Acesso em 31 de outubro de 2018.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola brasileiro**. 2008.

ANEXOS

1 – Questionário utilizado com os alunos

Informações para o(a) participante voluntário(a):

Você está convidado(a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa “ Investigação sobre a inclusão dos estudantes da ‘Comunidade Quilombola Pé do Morro’ no Colégio Estadual Getúlio Vargas de Aragoínas- TO, sob a responsabilidade da Aluna Maria do Socorro Santos da Silva e orientação do Professor Dr. Francisco Edviges de Albuquerque da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Sua participação na pesquisa será anônima, não necessitando se identificar durante as respostas.

Questionário I – ALUNOS

Série: _____

Turma: _____

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

1) Você se auto declara:

() Negro () Pardo () Branco

2) Você é de alguma etnia?

() Quilombola () Indígena () Nenhuma

3) Você já foi em uma comunidade Quilombola?

() Sim () Não

4) Você conhece a história dos Quilombolas da sua cidade?

() Sim () Não

5) Você conhece/ participa da comunidade Quilombola da sua cidade?

() Sim () Não

6) A escola que você estuda promove ou promoveu algum debate e/ ou levou algum Quilombola para explicar questões Étnicos- raciais?

() Sim () Não

7) Você sabe o que é Colorismo?

() Sim () Não

8) Já sofreu algum tipo de preconceito por ser Quilombola na escola?

() Sim () Não

9) Você sente dificuldade em aprender/ entender alguma disciplina?

() Sim () Não Qual?: _____

10) Você se sente incluído nas atividades que a escola promove?

() Sim () Não

11) Descreva brevemente o que é ser Quilombola?

2 – Questionário aplicado com os professores

Informações para o(a) participante voluntário(a):

Você está convidado (a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa “ Investigação sobre a inclusão dos estudantes da ‘Comunidade Quilombola Pé do Morro’ no Colégio Estadual Getúlio Vargas de Aragominas- TO, sob a responsabilidade da Aluna Maria do Socorro Santos da Silva e orientação do Professor Dr. Francisco Edviges de Albuquerque da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Sua participação na pesquisa será anônima, não necessitando se identificar durante as respostas.

Questionário II- Corpo Docente e Administrativo

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Função: _____

Tempo de trabalho na instituição: _____

- 1) Quais ações afirmativas a escola possui ou promove para a inclusão de alunos Quilombolas?

- 2) Existe uma interação entre a escola e a comunidade Quilombola da Região?

3) Qual a perspectiva da escola para com os alunos Quilombolas que aqui estudam?

4) A metodologia de ensino aplicada aos alunos Quilombolas é diferenciada?

5) Os alunos se declaram Quilombolas?

Sim Não

6) Você acredita que a escola esteja apta a receber e atender além de orientar os alunos Quilombolas em suas atividades?

7) Você já presenciou algum tipo de preconceito sofrido por esses alunos Quilombolas?

Sim Não

8) Você já teve a oportunidade de conhecer a comunidade Quilombola da sua cidade?

Sim Não

Se Sim, quando?

- 9) Existe interação e promoção de atividades entre a comunidade e a escola durante as datas representativas como Dia da Consciência Negra (20/11) ou Dia da Abolição da Escravatura (13/ 05)? Se sim, como ocorre?

- 10) Existem livros (atuais ou antigos) disponíveis na escola que abordam a temática africana ? Há o incentivo da leitura desse material?
-